

Um
— Objetivo Político —

Tu não és mais do que a tua vida.

Jean-Paul Sartre, *Huis clos* (1944)

Naquela primavera em que a vida era muito dura e eu estava em guerra com o meu destino e não conseguia ver para onde havia de ir, chorava sobretudo nas escadas rolantes de estações de comboios. Não havia problema a descê-las, mas estar de pé, imóvel, e ser transportada para cima tinha esse efeito em mim. Como que vindas do nada, as lágrimas brotavam e, na altura em que chegava lá acima e sentia o vento soprar, tinha de fazer todos os esforços possíveis para me impedir de soluçar. Era como se o ímpeto da escada rolante a transportar-me em frente e para cima fosse a expressão física de uma conversa que estava a ter comigo mesma. As escadas rolantes, que, nos primeiros tempos após terem sido inventadas, eram conhecidas como «escadas viajantes» ou «escadas mágicas», misteriosamente tinham-se tornado zonas perigosas.

Certificava-me de que tinha montes de coisas para ler em viagens de comboio. Essa foi a primeira vez na minha vida

em que me deu prazer ler colunas de jornais acerca do que acontecia ao cortador de relva do jornalista. Quando não estava mergulhada nesse género de leitura (que me dava a sensação de ter sido atingida por um dardo embebido em tranquilizante), o livro que mais lia era *Do Amor e Outros Demónios*, o pequeno romance de Gabriel García Márquez. De todas as personagens amadas e sem amor, a sonhar e a maquinar em redes de descanso sob o céu azul das Caraíbas, a única que de facto me interessava era Bernarda Cabrera, a esposa dissoluta de um marquês que desistiu da vida e do casamento. A fim de permitir que Bernarda Cabrera escape também à sua vida, o escravo seu amante inicia-a no «chocolate mágico» de Oaxaca, o que a leva a começar a viver num estado de delírio. Viciada em sacas de cacau e mel fermentado, passa a maior parte do dia nua no chão do quarto, «envolta no fulgor dos seus gases letais». Na altura em que saí do comboio e comecei a chorar na escada rolante que parecia convidar-me a ler o que me ia na mente (numa época em que preferia ler outras coisas), comecei a considerar Bernarda como um modelo a seguir.

Percebi que as coisas teriam de mudar quando, certa semana, dei comigo a olhar atentamente para um cartaz na minha casa de banho intitulado «O Sistema Esquelético». A imagem representava um esqueleto humano, com os órgãos internos e os ossos indicados em latim, e que eu constantemente lia erradamente como «O Sistema Societal»². Tomei uma decisão. Se as escadas rolantes se tinham tornado máquinas com uma emotividade tórrida, um sistema que me transportava para lugares aonde eu não queria ir, porque não reservar um voo para um sítio aonde quisesse mesmo ir?

Três dias mais tarde, corri o fecho do meu portátil novinho em folha e vi-me sentada no lugar 22C, do lado do corredor,

2 A confusão da autora é entre «The Skeletal System» e «The Societal System». (N. T.)

rumo a Palma de Maiorca. Quando o avião descolou, apercebi-me de que estar imobilizada entre a terra e o céu era um pouco como estar numa escada rolante. O homem suficientemente infeliz para ocupar o lugar ao lado de uma mulher lavada em lágrimas parecia ter estado em tempos no exército e agora passar a vida deitado numa praia. Agradava-me que o meu companheiro daquele voo barato fosse um lata-gão, com ombros quadrados e resistentes e o pescoço grosso percorrido por vergões de queimaduras solares, mas não queria ninguém a tentar consolar-me. Porém, se as minhas lágrimas tiveram algum efeito foi fazê-lo cair num coma tântrico de consumismo, pois chamou a assistente de bordo e encomendou duas latas de cerveja, uma vodka e uma *Coca-Cola*, um pacote de *Pringles*, uma raspadinha, um ursinho de peluche recheado com chocolates miniatura, um relógio suíço em promoção, e pediu-lhe que perguntasse à tripulação se a companhia aérea tinha um daqueles questionários para preencher que davam direito a umas férias à borla ao vencedor do sorteio. O militar bronzeado pôr-me o ursinho diante do nariz, como se o bicho fosse um lenço de assoar com olhos de vidro cosidos, e disse:

— Se tudo o resto falhar, isto vai animá-la.

Quando o avião aterrou em Palma de Maiorca, às onze da noite, o único motorista de táxi pronto a conduzir-me pelas estradas escarpadas da montanha devia ser cego, porque tinha nuvens brancas a pairar nos dois olhos. Ninguém na fila estava disposto a admitir ter receio de que ele estampasse o carro e todos o evitaram quando estacionou na praça de táxis. Depois de negociarmos o preço, ele conseguiu conduzir sem olhar para a estrada e com os dedos no mostrador do rádio ao mesmo tempo que fitava os pés. Uma hora mais tarde, manobrou o *Mercedes* por uma estrada estreita, ladeada de pinheiros, que me pareceu muito mais longa do que de facto era. Mais ou menos a meio da vertente, de súbito gri-

tou «NÃO NÃO NÃO» e parou abruptamente o carro. Pela primeira vez nessa primavera senti vontade de rir. Ficámos os dois sentados no escuro, a ver um coelho correr pela erva, sem que nenhum de nós soubesse o que fazer a seguir. Acabei por lhe dar uma gorjeta generosa por conduzir de uma forma tão arriscada e comecei a subir a vereda íngreme que, segundo as minhas vagas recordações, conduzia ao hotel.

O cheiro a lenha queimada vindo das casas de pedra lá em baixo, os chocalhos dos carneiros que pastavam nas montanhas e o estranho silêncio entre o tilintar dos guizos deram-me uma súbita vontade de fumar. Há muito que perdera esse hábito, mas no aeroporto tinha comprado um maço de tabaco espanhol, plenamente decidida a recomeçar. Sentei-me numa rocha húmida debaixo de uma árvore, um pouco afastada do caminho, entalei o portátil entre as canelas e acendi um cigarro à luz das estrelas.

Fumar tabaco espanhol barato, de má qualidade, debaixo de um pinheiro, era muito melhor do que tentar controlar-me em escadas rolantes. Havia qualquer coisa reconfortante em estar literalmente perdida quando estava perdida em todos os outros aspetos, e, no momento em que pensava que talvez tivesse de dormir na montanha nessa noite, ouvi alguém gritar o meu nome. Um certo número de coisas aconteceram ao mesmo tempo. Ouvi o som de alguém na vereda e vi os pés de uma mulher, com sapatos de couro vermelhos, a caminhar ao meu encontro. Gritou outra vez o meu nome, mas, por qualquer razão, fui incapaz de estabelecer uma ligação entre mim e o nome que ela gritava. De súbito, uma lanterna apontou-me para a cara e quando a mulher me viu sentada num pedregulho, debaixo de uma árvore, a fumar um cigarro, disse:

— Ah, cá está. — Tinha o rosto de uma palidez assustadora e perguntei-me se seria louca. Mas depois recordei-me de que a louca era eu, porque ela estava a tentar tirar-me daquela

rocha na beira de uma montanha, vestida com um traje de praia numa noite em que a temperatura descera para valores negativos. — Vi-a entrar a pé na floresta. Julgo que está perdida, não?

Fiz um aceno afirmativo, mas devia ter um ar desorientado, porque ela acrescentou:

— Sou a Maria.

Maria era a proprietária do hotel e parecia muito mais velha e mais triste do que a última vez que a vira. É provável que tenha pensado o mesmo a meu respeito.

— Olá, Maria. — Pus-me de pé. — Obrigada por ter vindo procurar-me.

Caminhámos em silêncio até ao hotel e ela apontou a lanterna para a curva onde me enganara no caminho, como se fosse uma detetive a recolher provas para qualquer coisa que nenhuma de nós fazia ideia do que fosse.

As pessoas que fazem reservas para esta *pensión* querem coisas específicas: um lugar sossegado junto dos pomares de limoeiros e das quedas de água, quartos grandes e baratos, um sítio calmo para repousar e pensar. Não há minibar, televisão, água quente nem serviço de quartos. O local não era anunciado em guias turísticos e só o boca a boca garantia que estivesse sempre cheio na época alta. A primeira vez que lá fiquei tinha vinte e poucos anos e escrevia o meu primeiro romance numa máquina de escrever *Smith Corona* que transportava dentro de uma fronha; depois voltei, com trinta e muitos anos, quando estava apaixonada e viajava com aquilo a que se chamava um computador «transportável». Tive de comprar um saco especial para ele, um longo retângulo almofadado, com pequenos compartimentos para o rato e o teclado. Sentia-me muito orgulhosa dele e ainda mais orgulhosa por poder ligá-lo em qualquer quarto de hotel com a extensão que comprara no aeroporto. Na tarde de agosto escaldante em que arrastei por aquela montanha aci-